

Eu sou Moana de Motonui!: uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

I am Moana of Motonui!: a psychoanalytic perspective about culture, myths of origin and pulsional dynamic
Yo soy Moana de Motonui!: una perspectiva psicoanalítica sobre los mitos de origen y la dinámica pulsional

Je suis Moana de Motonui!: une perspective psychanalytique sur les mythes d'origine et les dynamiques pulsionnelles

DORIVALDO PANTOJA BORGES JUNIOR

ARINA MARQUES LEBREGO

ALESSANDRO MELO BACCHINI

O presente artigo objetiva discutir a relação entre mitos de origem e dinâmica pulsional através de uma pesquisa teórica em psicanálise, utilizando fragmentos da animação *Moana: um mar de aventuras* (2016). A partir da interlocução entre a Psicanálise e o Cinema, refletiu-se sobre o universo subjetivo humano e sua relação com os fenômenos socioculturais que o circunda. Nesse sentido, têm-se os mitos de origem enquanto o ponto de encontro entre ambas as dimensões, pois viabilizam os parâmetros de reconhecimento e representações sociais, bem como circunscrevem as dinâmicas pulsionais dos sujeitos que compõe um determinado sistema cultural, o que se pode identificar nas construções poéticas das trilhas sonoras e imagéticas do filme analisado.

Palavras-chave: Psicanálise. Cinema. Mitos de origem. Pulsão. Moana.

Introdução

Em *O interesse da Psicanálise* ([1913] 2012), Freud discorre sobre possíveis contribuições do fazer psicanalítico aos campos do saber tais como a Pedagogia, a Biologia e as Ciências da cultura. Mais especificamente no que diz respeito ao último, consta-se a Psicanálise — por se pautar no estudo dos processos inconscientes — como fonte de contribuições à pesquisa sobre as construções sociais humanas.

Levando em conta que produtos cinematográficos são dispositivos de acesso aos sistemas culturais nos quais estes foram e são produzidos, visto que não se pode pensar produções cinematográficas sem levar em conta seu contexto sócio-histórico de criação, eis que as criações do cinema constituem oportuno objeto para exercício de análise em subjetividade e cultura (BERNARDET, 2006).

Partindo dessa possibilidade, o presente artigo lança mão da animação intitulada “Moana: um mar de aventuras” (2016), dirigida por John Musker e Ron Clements. A história contada no filme contempla temas como família, identidade, ancestralidade e entre outros¹. Como objetivo geral, pretende-se utilizar das narrativas musicais e construções imagéticas presentes na animação para refletir introdutoriamente sobre a relação entre os mitos de origem e a dinâmica pulsional, bem como os desdobramentos dessa relação no decorrer do enredo da animação.

Para Ceccarelli (2007), os mitos remetem à origem de algo, à criação e, por conseguinte, a todo o capital fantasmático de uma cultura, um conjunto de ordem simbólica que preexiste à experiência particular de um sujeito. Além disso, Travassos (2014) afirma que, devido as narrativas míticas atravessarem os parâmetros de reconhecimento de alguém, caso os tenha por perdidos, tal acontecimento poderia acarretar efeitos psiquicamente devastadores aos sujeitos, ao fazer o sujeito se defrontar com seu caos pulsional sem mediação.

Por pulsão, o que Freud ([1933] 2010) denomina como nossa mitologia, pode-se conceber um representante da energia libidinal que pressiona à plena satisfação. Tal proposição é ampla, inscrita num entre componentes somáticos e psíquicos, o que estabelece o pulsional como fundamento do que forma a dinâmica psíquica.

Vale ressaltar que este estudo psicanalítico corresponde a um artigo que visa tecer reflexões e articulações introdutórias acerca do problema eleito, ilustradas através de

¹ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-225958/>>. Acesso: 21 ago. 2020.

fragmentos da animação, não tendo a pretensão de apresentar uma solução definitiva e substanciada para o problema proposto. Dito isto, destacaram-se alguns pontos do enredo para dar suporte às articulações teóricas e análises da temática², apresentados em formato de seções do artigo.

Sendo assim, este estudo fora estruturado a partir dos seguintes tópicos: primeiramente, realizou-se uma breve descrição de pontos do filme para, posteriormente, empreender as apresentações teóricas das noções de cultura e mal-estar em psicanálise, tema transversal aos pontos centrais: pulsão e mitos de origem.

Os apontamentos resultantes da articulação teórica aliados à análise fílmica foram agrupados e discutidos no tópico seguinte e também retomados enquanto considerações finais. As proposições aqui discutidas remetem ao ponto de interlocução entre os sistemas culturais e os modos de funcionamento subjetivo, pois dizem respeito à maneira como os sujeitos se reconhecem perante o social. Portanto, as reflexões de caráter ensaístico aqui propostas congregam pontos que versam em saberes sobre a subjetividade humana, a formação de processos culturais, bem como a expressão da relação destes através dos componentes cinematográficos.

Sobre “Moana: um mar de aventuras”

“Moana: um mar de aventuras” (2016) conta a história de Moana, jovem filha do chefe de Motonui, uma ilha que começa a passar por sérios problemas quanto as possibilidades de sobrevivência da população. Isso que, segundo sua avó, fora causado devido o coração da deusa Te Fiti ter sido roubado por Maui, o semideus da água e do ar.

Para Tala, vó paterna de Moana, o oceano escolheria alguém que teria por missão restaurar o coração e impedir que coisas terríveis acontecessem. Enquanto Tala contava tal história, todas as crianças que ouviam se assustavam, exceto Moana que escutava atentamente cada palavra:

No início, havia só o oceano até que a ilha mãe emergiu: Te Fiti. Seu coração tinha o maior de todos os poderes: o poder de criar a vida. E Te Fiti dividiu isso com o mundo. Com o tempo, alguns cobiçaram o coração de Te Fiti. Acharam que se o possuísem, teriam o poder da criação. Então, um dia, o mais atrevido de todos cruzou o vasto oceano para pegá-lo. Era o semideus da água e do ar, era um guerreiro, um

² Cada um dos pontos de discussão desse artigo foi subsidiado pela utilização de quatro figuras criadas a partir de capturas de tela das cenas da animação escolhidas aleatoriamente entre os espaços de tempo que configuram as cenas discutidas.

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

trapaceiro, um ser transmorfo que podia mudar de forma com o poder do seu anzol mágico. E seu nome era Maui. Mas, sem o seu coração, Te Fiti começou a morrer, espalhando uma terrível escuridão. Maui tentou fugir, mas deu de cara com alguém que, também queria o coração: Te Ka, um demônio de terra e fogo. Maui foi golpeado no céu e nunca mais foi visto. Seu anzol mágico e o coração de Te Fiti se perderam no mar e, até hoje, mil anos depois, Te Ka e os demônios das profundezas ainda buscam o coração escondido na escuridão que continua a se espalhar, afastando nossos peixes, drenando a vida ilha após ilha até cada um de nós ser devorado pela boca sedenta de sangue e depois morrer! Mas, um dia, o coração será achado por alguém que irá além dos nossos recifes, achará Maui, o levará através do grande oceano para restaurar o coração de Te Fiti e salvar a todos nós (Trecho do filme).

A personagem cresceu e, junto dela, um anseio por estar perto das águas do oceano também. Entretanto, seu pai não permitia tal aproximação visto que tivera por morto o seu melhor amigo na juventude enquanto os dois tentavam a navegar. Posterior a essa perda, fora decretado em Motonui que toda e qualquer atividade deveria ser feita sem o cruzamento dos recifes.

Embora essa lei tenha sido cumprida com êxito durante um tempo, a ilha de Motonui começou a enfrentar problemas: os alimentos colhidos vinham estragados e os peixes se tornaram cada vez mais escassos. Moana, enquanto filha do líder da comunidade e sua sucessora nessa posição, busca soluções para os problemas, o que mais uma vez a convocou para cruzar os recifes e, por conseguinte, ir de encontro com a lei de seu pai, o líder da comunidade.

Após descobrir que seus antepassados eram navegantes, Moana decide embarcar rumo ao que sua avó lhe ensinara ser a solução para os problemas vivenciados na ilha: restaurar o coração de Te Fiti. Sendo assim, com a morte de sua avó, a protagonista vai em busca de Maui, o semideus da água e do ar, para poder restaurar o coração e, finalmente, evitar o desaparecimento de Motunui.

Ao decidir ultrapassar os recifes para encontrar Maui, Moana se coloca em diversas situações perigosas — exemplo disso são os encontros com os Kakamora, com Tamatoa e, sobretudo com Te Ka, todas criaturas malignas. Nesse momento, a protagonista elabora aspectos sobre si mesma e sobre sua história, o que contempla componentes da sua longa ancestralidade de viajantes que outrora se aventuraram pelos mares em busca de novos territórios.

O mal-estar na cultura e as exigências de Motonui

Moana, você notou? A vila de Motonui tem tudo aqui! [...] Você vai criar raiz, crescer aqui [...] Moana, é o seu destino ser chefe e governar. É o seu lugar [...] Você nasceu para estar aqui! [...] A vida vai te mostrar que dá pra ser bem feliz no seu lugar

“Seu lugar”
Trilha sonora da animação.

Os estudos culturais constituem longos debates nos campos antropológicos, visto que circunscrever o conceito de cultura é uma tarefa desafiadora. Os caracteres amplo, complexo e diverso, na perspectiva de Laraia (2001), compõem o cerne da proposição de cultura, esta que dispõe de todas as possibilidades de subjetivação, constituindo um sistema cujas lógicas próprias condicionam as visões de mundo dos sujeitos que nela congregam.

Para Freud ([1930] 2020), cultura pode ser entendida como a criação dos humanos cuja função é mantê-los distante de sua origem animalesca. Não somente isso, mas têm-se as criações socioculturais enquanto dispositivos de proteção do humano contra as investidas da natureza, uma das principais fontes de sofrimento. Para o estudo de fenômenos subjetivos, então, deve-se analisar, também, os processos culturais, visto que:

[...] na vida psíquica do indivíduo, o outro é, via de regra, considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário, e por isso a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social nesse sentido ampliado, mas inteiramente legítimo (FREUD, 1921, p. 137).

Safatle (2018) afirma que, para o estudo dos sistemas culturais, deve-se analisar os sistemas de valores, regras e normas que direcionam os julgamentos realizados nos seus interiores, sejam esses explícitos ou não. Não obstante, de acordo com Barreto e Ceccarelli (2015), também se tem a moral sexual presente no sistema cultural enquanto formadora das narrativas míticas que atravessam a construção subjetivas das pessoas em um determinado grupo social.

Fuks (2003) menciona o *Projeto para uma psicologia científica* (1889) para demarcar a primeira aparição da noção de cultura no texto freudiano. A cultura comparece mediante a relação entre um infante e um cuidador, quem suprirá suas necessidades

fisiológicas e nomeará suas excitações internas. No decorrer da obra freudiana, em textos posteriores como *O futuro de uma ilusão* ([1927] 2020), Freud utiliza da cultura de forma mais ampla, envolta de mal-estar cuja base é o desamparo originário inerente a todos os humanos, o que envolve questões referentes ao estranhamento da alteridade e a identificação com o outro.

Em seu texto *O mal-estar na cultura*, Freud ([1930] 2020) novamente dispõe de sua noção de conflito, desta vez para analisar os efeitos da cultura como contraponto à plena satisfação pulsional. Viver em sociedade, para o autor, é um constante mal-estar devido a necessidade de abnegação de moções de satisfação pulsional para um indivíduo adentrar nos laços culturais que o circunda.

No que se refere ao papel da cultura na construção psíquica de um sujeito, cabe aqui valer-se dos argumentos de Fuks (2003). Para a autora, a relação dos humanos com a cultura é ambivalente desde os primeiros momentos da vida, visto que a cultura erotiza a criança, mas também ergue diversas proibições à sua satisfação pulsional. Tal afirmação sustenta a prerrogativa de que o mal-estar deixou de ser uma consequência do processo cultural e se tornou o que o baseia. O processo civilizatório implica em sofrimento, o que lança a felicidade absoluta ao posto de uma mera ilusão.

Embora a relação com o outro acarrete mal-estar ao sujeito ao ponto de ser elencada como uma das fontes de sofrimento humano, segundo Freud ([1922] 2020; [1930] 2020), trata-se de algo que, também, proporciona certa parcela de satisfação quando há o a identificação, sentimento esse considerado o primário nas relações objetais e base para movimentos solidários humanos.

Essas afirmativas podem subsidiar a construção de um arcabouço teórico frente aos acontecimentos retratados na vida de Moana, sobretudo porque um dos componentes cruciais que compõem a narrativa filmica é a lei de que nenhum dos habitantes de Motonui pode passar dos recifes, imperativo este que a protagonista vai de encontro desde a infância, conforme é apresentado durante a canção “Seu lugar” presente no enredo da animação (Figura 1).

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional



Figura 1 - Capturas de tela do cenas da animação localizadas entre 00:07:46 e 00:12:00

As cenas correspondentes a esse momento apresentam os movimentos feitos pelos pais da protagonista em mostrar, à Moana, que seu lugar é na ilha, liderando o seu povo. Moana é vista como o futuro da Ilha de Motonui.

Em contrapartida, os versos cantados por Tala, avó paterna de Moana, não possuem o mesmo intuito dos cantados por seu filho. Tala, por sua vez, incentiva Moana a seguir o seu coração, a atender ao chamado que esta sente pelas águas do oceano. Ou seja, enquanto o pai de Moana insiste para que a protagonista fique na ilha, sua avó a apoia para cruzar os recifes.

Sendo assim, as narrativas que Moana escuta desde criança convergem na presença da figura de um herói, seja o que irá cruzar o oceano e restaurar o coração de Te Fiti, seja o que permanecerá em Motonui e liderará seu povo. Entretanto, surgem os seus impulsos contrários às exigências culturais também.

Em aspectos gerais, pode-se observar que a relação do humano com a cultura é ambivalente em sua essência (FREUD, [1930] 2020). Se de um lado o trabalho de cultura proporciona o afastamento do sujeito de seu estado de desamparo psíquico, de outro, o social exige-lhe abrir mão de sua satisfação pulsional. No caso de Moana, a protagonista deveria seguir o legado de sua família que liderava o povo há gerações, contudo, uma exigência era feita: que esta abdicasse de seus impulsos a cruzar os recifes e encarar o grande oceano.

Notas freudianas sobre o conceito de pulsão

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

Tento obedecer, não olhar pra trás, sigo o meu dever, não questiono mais. Mas pra onde eu vou? Quando eu vejo, estou onde eu sempre quis [...] Posso liderar o meu povo então, ir desempenhar essa tal missão, mas não sei calar o meu coração. Por que sou assim?

“Saber quem sou”
Trilha sonora da animação

Em uma das *Conferências introdutórias à Psicanálise*, Freud ([1933] 2010) afirma que a teoria das pulsões é a nossa mitologia, que se apresenta de forma magnificamente imprecisa. Entretanto, mostra-se necessário um movimento de digressão a um texto freudiano antecessor à tal conferência, o texto primordial para o entendimento teórico desse conceito: *as pulsões e seus destinos* ([1915] 2017).

O conceito de pulsão adquiriu, em 1915, um aprofundamento nas temáticas concernentes às suas origens, caminhos e, também, sobre pontos “obscuros” nos estudos empreendidos na época. No que se refere à tentativa de sistematização da pulsão por Freud ([1915] 2017), apresenta-se esta enquanto um conceito fronteiro entre o psíquico e o somático, bem como a caracterização psíquica de uma excitação corporal que possui especificidades (Tabela 1).

Tabela 1 – Componentes da pulsão

COMPONENTE	DESCRIÇÃO
Pressão	A própria essência do conceito correspondente à medida de exigência de trabalho.
Meta	Sempre será a satisfação. Embora a meta seja uma, os caminhos para seu alcance serão inúmeros.
Objeto	É o que há de mais variável na dinâmica pulsional, mas é através do qual o a meta é, mesmo que momentaneamente, alcançada.
Fonte	Encontra-se ligada ao somático, cuja estimulação é representada na vida anímica.

O texto freudiano das pulsões também toca em aspectos quanto aos seus destinos, mesmo que o escrito não desenvolva todos os pontos citados. Entre os destinos elencados da pulsão, constam-se: o retorno à própria pessoa, a transformação em seu contrário, o

recalque e, por fim, a sublimação. Entretanto, a sublimação e o recalque não receberam a exploração no texto em questão, deixando esse espaço apenas para os outros primeiros dois destinos.

Freud ([1915] 2017) se detém na dualidade pulsões de autoconservação *versus* pulsões sexuais para construir a argumentação sobre as primeiras relações de prazer que um indivíduo estabelece, seja essa consigo mesmo, seja com objetos externos. O autor, nesse momento, elenca o princípio do prazer enquanto premissa norteadora da dinâmica pulsional, ou seja, essa dinâmica sempre tenderá à obtenção de prazer e a evitação do desprazer.

No que tange a primeira teorização sobre o funcionamento mental, Freud ([1911] 2010) circunscreve dois princípios opostos: o princípio do prazer e o princípio da realidade. Enquanto o primeiro, a qual dinâmica pulsional estaria submetida, busca incessantemente a diminuição de tensão através da satisfação pulsional, contudo, o princípio da realidade exercerá uma barra na satisfação pulsional, o que obrigará o aparelho psíquico a encontrar estratégias substitutivas de acordo com o princípio da realidade.

Mais especificamente sobre a dinâmica pulsional, encontra-se também em Freud ([1915] 2017), que a tensão acarretada pelo movimento pulsional é constante, sempre exigindo ao sujeito que este dê um encaminhamento para o seu momentâneo alívio, visto que as exigências pulsionais causam desconforto. Ou seja, mesmo que barrada pelo princípio da realidade, a dinâmica pulsional ainda faz pressão rumo à satisfação.

Uma via de elucidação a tal prerrogativa freudiana é vista quando, após um desentendimento com seu pai, Moana em uma conversa com sua mãe, descobre a razão do estabelecimento da lei que impede a transgressão dos recifes: seu pai, quando jovem, perdeu o melhor amigo durante uma tentativa de cruzar os recifes. Segundo a mãe de Moana, os jovens ao fazerem isso, encontraram “um mar impiedoso”.

Posterior a isso, se inicia o segundo momento musical cantado por personagens da animação, correspondente à canção intitulada “Saber quem sou” cantada por Moana (Figura 2). Essa canção apresenta as inquietações vividas pela protagonista no que tange o seu desejo de navegar pelo oceano e, sobretudo, saber quem é e qual o seu lugar.

A música também aparece como uma narrativa contrária à canção anterior, a cantada pelos seus pais. Enquanto a primeira apresenta Motonui enquanto um lugar feliz

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

e onde se tem tudo, a segunda, entretanto, apresenta os sentimentos de não adequação de Moana.



Figura 2 - Capturas de tela das cenas da animação localizadas entre 00:16:15 e 00:18:42

“Sei cada cidadão da ilha tem função nessa ilha, tudo tem o seu lugar”³ são as palavras de Moana para expressar seu mal-estar em Motonui. Embora a protagonista tente liderar seu povo, não consegue controlar a sensação que a invade ao se deparar com o oceano. Em outras palavras, Moana é tomada pela pressão decorrente dos seus imperativos pulsionais, estes que apontavam para o encontro com oceano enquanto objeto de satisfação que deveria ser buscado. E a personagem assim o fez.

Moana, logo após adentrar nas águas que tanto a chamam, tem seu barco naufragado e seu corpo machucado pelo oceano que a empurrou de volta para a praia. Eis que surge uma indagação: como as mesmas águas que chamam a protagonista a descobrir mais de si são as mesmas que naufragam o seu barco, lhe machucam e, também, matam o melhor amigo do seu pai? Nesse sentido, observa-se a ambivalência mencionada em *As pulsões e seus destinos* ([1915] 2017), mas sobretudo no texto *Além do princípio do prazer* ([1920] 2020), onde a teoria das pulsões é aprimorada para uma outra dualidade: a pulsão de vida x pulsão de morte.

Freud ([1920] 2020), ao apresentar a proposição da compulsão a repetição — a reatualização em ato de conteúdos recalçados visto nos pacientes que apresentavam neurose de guerra — abre um novo horizonte para teorizar sobre o que elencou

³ Trecho da canção “Saber quem sou” presente na trilha sonora de “Moana: um mar de aventuras” (2016).

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

anteriormente como princípio norteador da dinâmica pulsional. Dessa forma, o autor elenca tal compulsão como algo que não está necessariamente assenhorado ao princípio do prazer.

Ainda em Freud ([1920] 2020), lê-se que a função de uma pulsão é levar a vida psíquica a um estado anterior à uma abdição que marcou a dinâmica pulsional do sujeito. Dessa forma, há um impulso para o retorno desse estado onde a satisfação não era limitada, um verdadeiro rompimento das ligações eróticas presentes. Para tanto Freud ([1920] 2020) analisou exemplos como a sintomatologia das neuroses traumática e de guerra, bem como a própria brincadeira infantil frente à ausência materna.

Mesmo em textos últimos da obra freudiana — a exemplo, o *Compêndio de Psicanálise* ([1940] 2018) —, onde há uma tentativa de síntese da doutrina das pulsões, é elencado que esse conceito ainda necessita de maior sistematização. Freud ([1940] 2018) a chama de pulsão de morte e de pulsão de destruição, cuja função seria a dissolução das ligações eróticas e o retorno a estados inorgânicos da vida.

Dessa forma, seria a interação entre ambas as pulsões que constituem os movimentos de criação humanos a partir dos diversos destinos dados à energia pulsional, seja esta provinda de impulsos de ligação ou de destruição frente a tensão causada pela dinâmica pulsional.

As pulsões são energias livres no inconsciente. O caos pulsional, então, necessita de destino, de significação através da linguagem. Dessa forma, sustenta-se aqui, que os mitos de origem surgem como tentativas de explicação, de atribuição de sentido e direcionamento à energia que, em primeiro momento, não possui representações.

Ou seja, a pressão que invade Moana para cruzar o oceano é caótica, a personagem não sabia ao certo sobre isso, apenas era acometida. Contudo, este caos pulsional se mostra ambivalente quando opera a partir da destruição marcada no corpo da protagonista pelos machucados, em seu barco e na história não dita de seus antepassados. E no que diz respeito à última, Moana vai em busca de descobri-la.

“Éramos viajantes!”: os mitos de origem

Eu sou a filha de uma ilha e o mar chamou por mim de longe [...] Esse legado mora aqui, me invade [...] O que eu sou, esse instinto, essa voz já faz parte do que me atrai nessa minha vontade [...] Eu me encontrei, agora eu sei: eu sou Moana!

Para uma circunscrição teórica sobre os mitos de origem, vale-se da utilização de Versani (2008) a respeito da raiz etimológica do termo: trata-se de um tipo de linguagem portadora de um *logos* próprio a respeito da criação. A autora afirma que, embora a Psicanálise não se trate de um estudo dos mitos, essa noção atravessa a produção psicanalítica, visto que a narrativa mítica comporta o irrepresentável, o inominável.

Nesse sentido, Azevedo (2004) afirma que é comum ouvir a palavra “mito” como uma expressão que aponta o caráter fantasístico de situações. Ou seja, trata-se de algo que não é verdade. Entretanto, a autora menciona as possibilidades de conhecimento que um mito apresenta, que fala sobre os desejos e anseios humanos, conhecimento este que escapa o discurso científico, já que “o mito põe na cena da palavra, da linguagem, muito do que a psicanálise vai mais tarde explicitar, a partir da lógica do inconsciente, tanto em sua teoria quanto em sua prática clínica (AZEVEDO, 2004, p. 18).

Ceccarelli (2007) traça algumas considerações sobre a função das narrativas míticas para a cultura a qual pertence, sendo estas correspondentes aos processos de nomeação e, por conseguinte, julgamento de temas como o adoecimento, a sexualidade e a morte. Dessa forma, tem-se os mitos enquanto “patrimônio fantasmático” (CECCARELLI, 2007, p. 185) para historicizar os fenômenos e, também, nortear a forma como os indivíduos de um determinado sistema cultural se comportam (BORGES JUNIOR; CECCARELLI, 2020; BORGES JUNIOR; GONÇALVES; CECCARELLI, 2021).

Frente a tais apontamentos, identifica-se que os mitos ocupam lugar central na produção psíquica e cultural de uma sociedade, visto que “Se os sonhos são os mitos do indivíduo, os mitos seriam, então, os sonhos da humanidade, exprimindo os seus desejos” (SOUZA; ROCHA, 2009, p. 202).

No que diz respeito ao filme, dois momentos oportunos à elucidação podem ser mencionados. O primeiro refere-se à cena na qual Moana tem o seu barco naufragado pelas ondas (Figura 2) e, ao retornar à praia de Motonui, encontra com Tala, sua avó que a leva à uma caverna onde a protagonista deveria entrar para descobrir mais sobre sua história e, por conseguinte, obter respostas para as suas inquietações.

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

Ao adentrar na caverna⁴, Moana encontra diversos barcos, todos marcados com desenhos que representavam a história de um povo, o seu povo ancestral que era viajante. Depois de descobrir sobre seu passado, Moana questiona Tala: “*Por que paramos?*”. Sua avó responde que, devido Maui ter roubado o coração de Te Fiti (A ilha mãe), a escuridão se alastrou, Te Ka acordou e vários monstros fugiram, o que fazia muitos barcos não retornarem à ilha. Desta feita, os chefes ancestrais proibiram as viagens e, com o passar dos anos, o povo de Motonui esqueceu o seu lugar.

Ao mostrar à neta que havia uma escuridão sugando a vida de Motonui, Tala lhe conta que estava presente no momento em que o oceano havia escolhido Moana para a missão de cruzar o oceano e restaurar o coração de Te Fiti. Tal momento aparece no enredo logo nas primeiras cenas, quando Moana ainda era uma criança⁵.

O que se observa na cena mencionada, sistematicamente pode ser encontrado em Cruz, Ribas e Ceccarelli (2020), no que diz respeito à linhagem ancestral — o encontro entre a sabedoria do passado e os momentos presentes a fim de proporcionar significados através da oralidade — disposta nas cenas que retratam a origem de Motonui e, conseqüentemente, as suas representações.

O segundo momento no qual se pode observar a figuração dos mitos de origem se encontra na cena onde, após a partida de Maui e uma conversa com Tala, Moana decide ir sozinha ao encontro de Te Fiti. Dessa forma, a protagonista parte rumo à sua missão, entretanto com um outro discurso: “*Eu sou Moana de Motonui. Vou embarcar no meu barco, cruzar o oceano e restaurar o coração de Te Fiti*”.

Nessa cena (Figura 3), chorando, Moana diz ao oceano não ser a escolhida e o pede para que escolha outra pessoa. Dessa feita, as águas tomam o coração de Te Fiti de volta e o leva para o fundo das águas. Em seguida, a protagonista vê o espírito de sua avó Tala, que lhe questiona sobre voltar para casa, dizendo à neta que voltaria com ela, caso assim desejasse.

Todavia, Moana hesita em mudar o curso do barco, o que dá ensejo a um dos últimos musicais do filme: a canção ancestral, cantada por Moana quando vê as navegações de seus ancestrais — incluindo o seu avô — passarem ao lado do seu barco.

⁴ Cenas da animação localizadas entre 00:21:30 – 00:28:00.

⁵ Cenas da animação localizadas entre 00:04:37 – 00:07:37.

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

A música obtém referências ao legado que a protagonista porta, bem como às suas premissas identificatórias quando essa encerra a música cantando “Eu sou Moana!”.



Figura 3 - Capturas de tela das cenas da animação localizadas entre 01:18:04 a 01:23:35

Nos fragmentos utilizados, o contato com os mitos de origem aparece como um acontecimento que comportam em si, uma tentativa de sanar dúvidas e angústias da protagonista no que concerne sua missão, o que atribui às narrativas míticas o patamar de ponto de reconhecimento dos sujeitos, visto que o mito social funda o mito individual e dá sentido ao caos pulsional vivenciado pelo sujeito (CECCARELLI, 2007).

Sobre o mito individual especificamente, Lacan ([1952] 2008) afirma tratar-se de uma trama, um roteiro fantasístico que é constituída a partir da apreensão subjetiva que o sujeito faz de sua história e um equacionamento de significantes cuja função é se reportar de alguma forma ao impossível de ser apreendido.

Ou seja, para lidar com a tensão psíquica em meio ao não dito de sua história, Moana

Quando se rouba um coração, se encontra uma história

Te encontrei, atendi teu chamado [...] Teu nome eu sei pois o teu coração foi roubado, mas isso é passado [...] Sua missão é encontrar, enfim, o seu lugar

“Teu nome eu sei”
Trilha sonora da animação

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

Para o estabelecimento de um elo entre os três tópicos anteriores, utilizou-se um dos últimos fragmentos da animação para elucidar que o ponto de encontro entre os processos psíquicos e os sociais materializa-se nos mitos de origem. O fragmento em questão é a surpresa que Moana tem ao chegar no lugar onde completaria sua missão: Te Fiti, a deusa cujo coração tivera o poder de criar a vida, não estava ali. Nesse momento, ao olhar para Te Ka, Moana percebe que há um espaço no centro de seu corpo, onde poderia ser inserido o coração.

“Deixe ela vir até mim”, foram as palavras ditas por Moana ao oceano, que se abriu para o suposto demônio de terra e fogo passar e ir ao seu encontro. Esse momento compreende mais um musical cantado por Moana: a canção “Teu nome eu sei” (Figura 4), cantada enquanto Te Ka e a protagonista se aproximam.

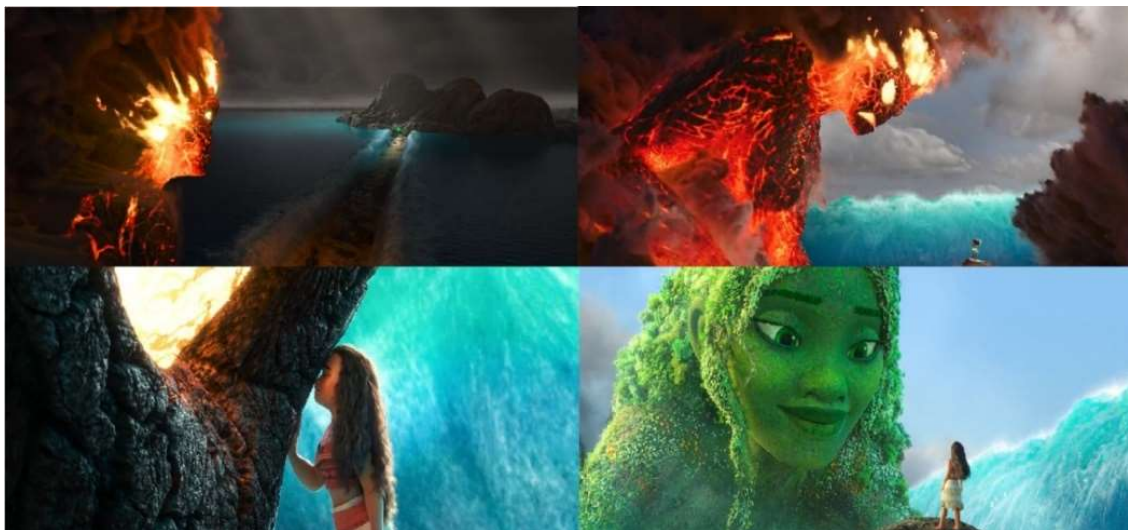


Figura 4 - Capturas de tela da animação localizadas entre 01:27:32 e 01:30:00

Eis um ponto interessante: enquanto Moana se aproxima do monstro, em sua canção, ela canta que o conhece, que atendeu o seu chamado. Em alguma medida, observa-se um movimento de identificação da protagonista para com o Monstro, quanto alguém que teve por roubado algo valioso de si. Enquanto Te Fiti (e Te Ka) teve por levado seu coração, Moana de Motonui, a sua história.

É interessante a maneira como é mostrado o momento de integração entre as duas figuras opostas: de um lado, a deusa que cria vida e, de outro, um demônio que destrói tudo o que se aproxima. E, além disso, a cena causa dessa cisão, ou seja, um roubo, uma

violência, um trauma semelhante às neuroses de guerra que os pacientes mencionados por Freud ([1920] 2020), em *Além do princípio do prazer*, apresentaram.

Dessa forma, figura-se imagética e sonoramente algo que se pode construir em analogia a uma dinâmica pulsional afetada por um excesso de energia que não teve elaboração, mas levou a pulsão a um destino de transformação ao seu contrário e, por conseguinte, a recorrente produção de impulsos agressivos.

Freud ([1933] 2010) afirma que pensar a pulsão de morte e pulsão de vida como conceitos totalmente distintos acarretou obstáculos teóricos. Deve-se entender que ambas as energias dinamizam entre si e, quando uma sobrepuja a outra, algo acarretará ao aparelho psíquico.

Com a retirada do coração que tinha o poder de criar a vida, a energia de destruição tomou frente, rompendo as ligações e sugando a vida das ilhas e constituindo uma figura que repele tudo o que se aproximava, afetando todas as comunidades aos redores, inclusive Motonui se viu obrigada a mudar drasticamente os seus modos de vida e interromper justamente o que caracterizava o seu povo: as viagens.

As perdas mitológicas, segundo Ceccarelli (2007), Borges Junior e Ceccarelli (2020), podem ser devastadoras aos sujeitos de uma cultura, acarretando a estes diversos movimentos psicopatológicos tais como a depressão e o alcoolismo provenientes das perdas identitárias sofridas. O povo de Motonui esqueceu sua história como viajantes, guardando os seus barcos em cavernas, todavia, quando Moana se propôs a viajar e restaurar o coração de Te Fiti, não só a vida voltou a fluir entre as ilhas, mas a protagonista elaborou parte de sua história, os seus mitos de origem, levando à Motonui a possibilidade de cruzar os recifes.

Considerações finais

Este artigo, construído a partir do encontro entre os pressupostos teóricos psicanalíticos e as construções cinematográficas, discutiu sobre a relação entre dinâmica pulsional e os mitos de origem. Para isso, lançou-se mão da animação “Moana: um mar de aventuras” (2016), dirigida por John Musker e Ron Clements.

Para tanto, como mostrado pelo referencial teórico citado nesse estudo, exemplificou-se com a vida em sociedade é viabilizada a partir da abnegação de moções pulsionais, acarretando uma diminuição de possibilidades de satisfação e a instalação de um mal-estar. Dessa feita, a dinâmica pulsional instaura o conflito entre sujeito e cultura:

o mesmo laço social que funda a constituição psíquica é fruto de intenso mal-estar também.

Estes aportes teóricos puderam ser identificados na história de Moana. Desde criança, a protagonista era vista enquanto futura líder de Motonui, quem seguiria o legado de seus antepassados. Contudo, a personagem deveria permanecer na ilha mesmo que seu desejo fosse cruzar os recifes e se aventurar pelo oceano. Em outras palavras, Moana abdicou de buscar o seu lugar para ocupar o lugar que o povo de Motonui esperava que esta ocupasse.

Envolta em seu mal-estar por não conseguir se adequar ao que seu povo e, principalmente, seu pai esperavam, Moana busca saber sobre o motivo da proibição de não cruzar os recifes que estava vigente na ilha. Nesse processo, descobre que seus ancestrais eram viajantes e que exploravam novos territórios pelo vasto oceano. Contudo, algo fez com que os barcos que saiam da ilha de Motonui não voltassem, o que levou a proibição ser instaurada: a morte. Ao tomar conhecimento disso, Moana inicia uma jornada pelas águas do impiedoso oceano para restaurar o coração de Te Fiti, a deusa cujo poder é criar a vida.

Por outro lado, a jornada da protagonista rumo à restauração do coração de Te Fiti encarou a desafios visto que Moana se defrontou com criaturas que tentaram destruí-la. Por exemplo, quando a personagem percebeu que a deusa cujo coração poderia criar vida, sem ele, se transformou em um demônio que destruía tudo ao seu redor. Ou seja, este processo fez com que Moana encarasse uma ambivalência que caracteriza a sua própria dinâmica pulsional também.

Diante de todo esse caos pulsional, as narrativas mitológicas mediarão um processo de historicização, o estabelecimento de uma origem e de sentido para que esta elaborasse suas vivências e desse destino ao excesso pulsional presente. Tal argumento se embasa nas vivências de Moana, quando busca incessantemente o seu lugar na ilha de Motonui e, só o consegue encontrar após descobrir sua história que fora esquecida.

Nesse sentido, com a restauração do coração de Te Fiti, o capital mítico (mito social) de Motonui fora restituído e, por conseguinte, o mito individual de Moana também o foi. Com isso, o mal-estar vivenciado pela personagem fora atenuado com o resgate e a ressignificação desse mito social que, por essência, também funda o mito individual. Embora Moana tenha se tornado a líder de Motonui, o fez de sua própria maneira, mediante a elaboração de questões sobre a sua história.

É válido ressaltar que as reflexões ensaísticas aqui empreendidas são de caráter introdutório, não esgotando a discussão seja pela amplitude da temática, seja pela riqueza de conteúdos apresentados na animação, pelas construções realizadas por cada personagem presente na animação e, até mesmo, pelas mensagens transmitidas pelas canções presentes nos pontos clímax do enredo. Dessa forma, instauram-se reflexões frutíferas aos estudos entre Psicanálise, Cultura e a Arte cinematográfica.

Referências

- ADOROCINEMA. **Moana – um mar de aventuras**. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-225958/>. Acesso: 21 jun. 2020.
- AZEVEDO, A. V. **Mito e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BARRETO, O. F.; CECARELLI, P. R. **Eva, Maria e Lilith: corpo de delito**. Estudos de Psicanálise, n. 43, p. 129-137, 2015.
- BERNARDET, J. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BORGES JUNIOR, D. P.; CECARELLI, P. R. Um estudo psicanalítico sobre perdas mitológicas e etnocídio a partir do documentário "Ex-pajé". **Estudos de Psicanálise**, n. 53, p. 85-90, 2020.
- BORGES JUNIOR, D. P.; GONÇALVES, R. C.; CECARELLI, P. R. Sexualidade e Mitologia na encantaria amazônica da lenda do Boto: um ensaio psicanalítico. **Estudos de Psicanálise**, n. 55, p. 79-90, 2021.
- CECCARELLI, P. R. Laço social: uma ilusão frente ao desamparo. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 31, n. 58, p. 33 – 41, set. 2009.
- CECCARELLI, P. R. Mitologia e processos identificatórios. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 39, p. 179-199, 2007.
- FREITAS, V. C.; RIBAS, K.; CECARELLI, P. R. Experiências extraordinárias entre o xamanismo e a psicanálise: uma reflexão psicopatológica transcultural. **Estudos de Psicanálise**, n. 52, p. 147-160, 2019.
- FREUD, S. (1920). Além do princípio de Prazer (1920). In: FREUD, S. **Além do princípio de prazer** [Jenseits Des Lustprinzips]. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 57-205.

- FREUD, S. (1915). As pulsões e seus destinos (1915). In: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 12-63.
- FREUD, S. (1940). Compêndio de Psicanálise (1940). In: FREUD, S. **Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados**. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. São Paulo: Autêntica Editora, 2018, p. 8-177.
- FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). In: FREUD, S. **Observações sobre um caso de paranoia, relato em autobiografia, (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 108-121.
- FREUD, S. (1933). Novas conferências introdutórias à Psicanálise (1933). In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 123-354.
- FREUD, S. (1913). O interesse da Psicanálise (1913). In: FREUD, S. **Totem e tabu, contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912–1914)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 328-363.
- FREUD, S. (1930). O mal-estar na cultura (1930). In: FREUD, S. **Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- FREUD, S. (1933). Por que a guerra? (1933). In: FREUD, S. **Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- FREUD, S (1922). Psicologia das Massas e Análise do Eu (1922). In: FREUD, S. **Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- FUKS, B. **Freud & a Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LACAN, J. **O mito individual do neurótico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MOANA: um Mar de Aventuras. Direção: John Musker e Ron Clements. Estados Unidos: Disney, 2016. (1h: 47 min.). son., color.
- SAFATLE, V. Introdução – Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. In. SAFATLE, V.;

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Patologias do Social**: arqueologias do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SOUZA, A. A. T.; ROCHA, Z. J. B. No princípio era o mythos: articulações entre Mito, Psicanálise e Linguagem. **Estudos de Psicologia**, v. 14, n. 3, p.199-206, 2009.

TRAVASSOS, M. R. C. **Mitos de origem e processos identificatórios na Amazônia**: uma visão psicanalítica. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

ABSTRACT

This essay aims to discuss the relationship between myths of origin and drive dynamics through theoretical research in psychoanalysis, using fragments of the animation ‘Moana’ (2016). From the dialogue between Psychoanalysis and Cinema, it was reflected on the human subjective universe and its relationship with the cultural phenomena that surround it. In this sense, the myths of origin are the meeting point between both dimensions, as they enable the parameters of recognition and social representations, as well as circumscribe the pulsional dynamics of the subjects that make up a certain cultural system, which can be identified in the poetic constructions of the soundtracks and imagery of the analyzed film.

Keywords: Psychoanalysis. Cinema. Myths of origin. Drive. Moana.

RESUMEN

Este ensayo teórico tiene como objetivo discutir la relación entre los mitos de origen y las dinámicas pulsionales a través de una investigación teórica en psicoanálisis, utilizando fragmentos de la animación “Moana” (2016). A partir de la interlocución entre Psicoanálisis y Cine, se reflexionó sobre el universo subjetivo humano y su relación con los fenómenos socioculturales que lo rodean. En este sentido, se encuentran los mitos de origen como punto de encuentro entre ambas dimensiones, en tanto posibilitan los parámetros de reconocimiento y representaciones sociales, así como circunscriben las dinámicas pulsionales de los sujetos que integran un determinado sistema cultural, que pueden identificarse en las construcciones poéticas de las bandas sonoras y el imaginario de la película analizada.

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

Palabras clave: Psicoanálisis. Cine. Mitos de origen. Pulsión. Moana.

RÉSUMÉ

Cet essai vise à discuter de la relation entre mythes d'origine et dynamiques pulsionnelles à travers une recherche théorique en psychanalyse, à partir de fragments de l'animation 'Moana' (2016). A partir du dialogue entre Psychanalyse et Cinéma, il a été réfléchi sur l'univers subjectif humain et sa relation avec les phénomènes socioculturels qui l'entourent. En ce sens, les mythes d'origine sont le point de rencontre entre les deux dimensions, car ils permettent les paramètres de reconnaissance et de représentations sociales, ainsi que circonscrivent la dynamique pulsionnelle des sujets qui composent un certain système culturel, qui peut être identifié dans les constructions poétiques des bandes sonores et des images du film analysé.

Mots clés: Psychanalyse. Cinéma. Mythes d'origine. Pulsion. Moana.

DORIVALDO PANTOJA BORGES JUNIOR

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPA), na linha de pesquisa Psicanálise: teoria e clínica.

Pós-Graduando em Psicanálise com crianças e adolescentes pelo Instituto de Pós-graduação e Graduação (IPOG)

Graduado em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

dorivaldopsi@outlook.com

Orcid: 0000-0001-9785-6232

ARINA MARQUES LEBREGO

Psicanalista.

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

Mestra em Psicologia Clínica e Social pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

arinamlebrago@gmail.com

Orcid: 0000-0003-3457-7513

ALESSANDRO MELO BACCHINI

Psicanalista.

Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Mestre em Psicologia Clínica e Social pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

Eu sou Moana de Motonui!
uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional

alessandomelobacchini@gmail.com

Orcid: 0000-0001-6149-169X

Citação:

BORGES JUNIOR, Dorivaldo; LEBREGO, Arina Marques; BACCHINI, Alessandro Melo. Eu sou Moana de Motonui!: uma perspectiva psicanalítica sobre mitos de origem e dinâmica pulsional. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, dez. 2022.

Submetido: 11.01.2022 / Aceito: 14.08.2022

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

